

“Eu o vi, Lusitanos, não me engano/ Já temos o monarca descoberto”: o rei Encoberto para Manuel Bocarro Francês (1593-1662).

Carlos Eugênio da Silva Negreiros¹

Resumo: Manuel Bocarro Francês (1593-1662) foi um médico português, judeu e sebastianista que, trabalhando também como astrólogo, previu que o reino de Portugal libertar-se-ia do domínio de Castela graças ao lendário rei Encoberto. Através de cálculos astronômicos sobre os movimentos dos astros e interpretações pessoais, Bocarro acreditava que a coroa portuguesa estava destinada a d. Teodósio de Bragança, pai do futuro rei D. João IV. O objetivo do presente artigo é relacionar o momento histórico português – a União Ibérica – com os escritos de Bocarro de teor profético e messiânico sobre o rei Encoberto.

Palavras-chave: Portugal. Rei Encoberto. Sebastianismo. Messianismo.

Abstract: Manuel Bocarro Francês (1593-1662) was a Portuguese Jewish Sebastianist doctor who, working also as astrologist, predicted that the kingdom of Portugal would be released of Castilla's domain through the legendary Hidden king. Through astronomical calculations on the movements of the stars and personal interpretations, Bocarro believed that the Portuguese crown was destined to d. Theodosius of Bragança, father of the future King D. João IV. The aim of this paper is to relate the Portuguese historical moment - the Iberian Union - with the writings of Bocarro of prophetic and messianic content about the Hidden king.

Key words: Portugal. Hidden King. Sebastianism. Messianism.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); eugenio91n@gmail.com.

Manuel Bocarro Francês

Manuel Bocarro Francês nasceu em Lisboa, no ano de 1593. Filho do médico Fernão Bocarro e de Guiomar Nunes, vivia no seio de uma família de cristãos-novos criptojudeus, com casos de judaizantes tanto do lado materno como do lado paterno². Ele e seu irmão Antônio Bocarro estudaram no Colégio Jesuíta de Santo Antão, instituição de elite de Lisboa, criada em 1533 pelo rei D. João III. O colégio era tido como a principal instituição de ensino de matemática em Portugal na época e provavelmente Bocarro deve ter assistido a lições na avançada “Aula da Esfera”, cadeira criada na segunda metade do século XVI, onde se ensinavam as bases da cosmografia³. Entretanto, Francisco Moreno-Carvalho salienta que o período de estudos de Bocarro com os jesuítas teria sido relativamente curto, não exercendo grande influência nos escritos astronômicos e sebastianistas posteriores⁴.

Sobre sua juventude, a melhor fonte de informações é o testemunho de seu irmão Antônio para o Santo Ofício da cidade de Goa, na Índia, em 1624. Vivendo uma dupla vida religiosa, Antônio e Bocarro seguiam a Lei de Moisés, viam-se como judeus, realizavam jejuns, eram contra o culto aos santos católicos e inclusive durante a missa Bocarro recitava “passagens dos Salmos e de outros livros da

² MORENO-CARVALHO, 2011, pp. 24 e 29.

³ CAROLINO, 2003, p. 173.

⁴ MORENO-CARVALHO, 2011, p. 41.

Bíblia, relacionados à vinda do Messias já que ele esperava a vinda do Messias como os judeus ainda esperam”⁵.

Tempos depois, Bocarro partiu para Castela para estudar medicina. Na Universidade de Alcalá de Henares obteve o grau de bacharel, e na Universidade de Sigüenza, o grau de licenciado. Em 1620 Bocarro recebeu autorização para exercer a prática médica em Portugal, cuidando de nobres como d. Baltasar de Zuñiga, primeiro ministro do rei Filipe IV de Espanha (III de Portugal), presidente do Conselho de Estado da Itália e tio do Conde Duque de Olivares, valido de Filipe IV.

O primeiro livro de Bocarro a ser analisado nesse artigo, *Anacephaleoses da Monarchia Lvzitana*, de 1624, publicado em Lisboa, seria originalmente uma tetralogia sobre a história da monarquia portuguesa, de inspiração épica e com forte cunho nacionalista e heroico. Apenas a primeira parte da obra chegou a ser impressa, intitulada *Stado Astrologico*, visto que as outras partes, os outros três *anacephaleoses*, geraram fortes suspeitas entre as autoridades espanholas, levando à proibição de sua impressão, queima dos escritos já impressos e prisão de Bocarro. Temendo por sua segurança e devido à denúncia de Antônio Bocarro ao Tribunal do Santo Ofício sobre parte de sua família exercer práticas judaizantes, Bocarro e sua esposa decidiram sair do reino.

⁵ Ibidem, p. 35.

O primeiro destino de Bocarro fora de Portugal foi a cidade de Roma, onde publicou, em 1626, *Luz pequena, Lunar, E estelífera Da Monarchia Luzania*, um pequeno livro explicando o porquê dos outros anacefaleoses não terem sido impressos, além de explicações sobre o significado de algumas estrofes do *Stado Astrologico*, trechos do que seria o quarto anacefaleose e um prefácio de Galileu Galilei. Nessa obra, o segundo livro de Bocarro que será aqui estudado, versava-se sobre o profetismo político e o messianismo em geral, e era prognosticado o advento de uma época de paz generalizada sob a égide de uma monarquia universal. Com base em observações astronômicas e juízos astrológicos, Bocarro conferia essa função à monarquia portuguesa, e particularmente à Casa de Bragança.

Entre 1632 e 1650, Bocarro residiu na cidade de Hamburgo, onde se reconverteu ao judaísmo, tendo-se circuncisado, alterado seu nome para Jacob Rosales e passado a frequentar a sinagoga. Além de atuar como médico, Bocarro/Rosales agiu como intermediário entre a coroa espanhola e as cidades hanseáticas, graças à sua amizade com o general português d. Francisco de Melo, que servia a Filipe III de Portugal, sendo seu conselheiro e astrólogo.

Saindo de Hamburgo em torno de 1652-53, Bocarro/Rosales dirigiu-se para Livorno, na Itália, onde havia uma comunidade de judeus hispano-portugueses e onde viviam uma sua irmã e outros familiares. Ele também frequentava a corte dos Médici em Florença,

divulgando seus escritos e atuando como médico. E foi a caminho de Florença, para atender a duquesa de Strozzi, que faleceu, em 1662.

D. Sebastião e o Rei Encoberto

No século XVI, a Casa de Avis, detentora da coroa portuguesa, enfrentava dificuldades na manutenção de sua dinastia, pois os três filhos do rei D. João III jurados herdeiros morreram jovens, antes que um deles pudesse assumir o trono. O último deles, o príncipe d. João, jurado herdeiro em 1539, se casou com d. Joana, filha do rei Carlos V e irmã do rei Filipe II de Espanha. Com ela teve d. Sebastião, futuro rei de Portugal, nascido no dia 20 de Janeiro de 1554 – e recebendo o epíteto de *O Desejado*. O príncipe d. João morreria poucos dias antes de seu nascimento; e o rei D. João III morreu em 1557. Então, por ter apenas três anos de idade, a rainha-mãe d. Catarina assumiu a regência do reino até seu neto alcançar a maioridade. Por ser castelhana e irmã do imperador Carlos V (Carlos I de Espanha), d. Catarina, pressionada pelas Cortes, renunciou em 1562; no seu lugar assumiu o cardeal D. Henrique, único irmão vivo de D. João III. Em Janeiro de 1568, aos catorze anos de idade, D. Sebastião assumiu o governo. Dez anos depois, na fatídica manhã de 4 de Agosto de 1578, o rei desaparecia na Batalha de Alcácer Quibir, no Marrocos. Em Portugal, a notícia da derrota, já tida como certa, tornou-se terrível por causa da ideia de desaparecimento do rei. A incerteza se ele estaria vivo ou morto provocou uma série de expectativas e histórias sobre o que teria

acontecido com D. Sebastião no Marrocos. Teria ele regressado em algum navio, disfarçado e envergonhado pelo desfecho desfavorável da batalha? Ou estaria vagando pelo mundo, pagando pelos pecados para um dia retornar e levar Portugal a uma Idade de Ouro?

Sobre o rei desaparecido e o futuro do reino, Bocarro escreveu na oitava 57 do *Anacephaleoses da Monarchia Lvzitana* que avistou alguém cercado por uma nuvem obscura, e então perguntou à Ninfa quem seria tal indivíduo, “Se o presságio da nuvem tão funesto / É de ruína, ou de imatura morte”⁶. A resposta da Ninfa:

Chegou-se o tempo não feliz, mas certo,
Que rogando evitar não posso ou basto,
Do Reino congregou o pouco experto,
A gente, que perdeu fatal Sebasto;
Da nuvem, como o viste, vai coberto,
Porque na morte, como vês, o engasto,
Que às vezes é defesa de mau fado,
Juízo para Deus só reservado.⁷

Em torno de 1520, portanto antes do nascimento de D. Sebastião, disseminaram-se em Portugal escritos proféticos e trechos de lendas do rei Arthur na tradição popular; na vizinha Espanha, algumas dessas profecias foram atribuídas a Santo Isidoro de Sevilha. Nelas previa-se o aparecimento de um príncipe português que destronaria o

⁶ Nas próximas referências, usaremos o título do livro seguido do número da folha, a indicação frente (f) ou verso (v) e a oitava correspondente, se houver. Nesse caso: ANAC, fl. 14v, oit. 57.

⁷ ANAC, fl. 15f, oit. 59.

imperador Carlos V e governaria toda a Península Ibérica. Foi também no ano de 1520 que as *Coplas de frei Pedro de Frias* foram publicadas, como uma explicação em rima popular dos textos de Santo Isidoro, sobre “Un rey que non se descubre”⁸.

Histórias semelhantes de reis “encobertos” circulavam pela Europa, acompanhadas de um aspecto penitencial. Constrangidos ou humilhados por alguma derrota ou insucesso no seu reinado, os monarcas se disfarçariam de mendigos, tornar-se-iam eremitas ou adormeceriam em cavernas, tudo para purgar os seus pecados e um dia retornarem e darem início a um tempo de paz e prosperidade para seu povo.

Apenas uma ou duas décadas depois das *Coplas*, as *Trovas* de Bandarra começaram a circular em Portugal, e diversos autores são unânimes sobre a influência de Pedro de Frias para a composição das trovas do sapateiro. Nascido por volta de 1500, na vila de Trancoso, Bandarra foi um sapateiro cujos versos se popularizaram por cantar as glórias, dificuldades e o destino imperial de Portugal, criticando, além disso, a situação do reino e profetizando a vinda de um rei Encoberto que instauraria uma *aetas aurea*, uma era dourada de justiça e prosperidade.

LXXV

Já o Leão é experto

⁸ AZEVEDO, 1947, pp. 18-19.

Mui alerta.
Já acordou, anda caminho.
Tirárá cedo do ninho
O porco, e é mui certo.
Fugirá para o deserto,
Do Leão, e seu bramido,
Demonstra que vai ferido
Desse bom Rei Encoberto.⁹

O Encoberto para Bocarro

Durante a União Ibérica (1580-1640) três reis de Castela reinaram sobre a península. Dedicado a Filipe III de Portugal (1621-1640), o *Stado Astrologico*, a primeira parte do *Anacephaleoses*, teria o monarca castelhano como o Encoberto para Bocarro. Na oitava 60 – depois da oitava 59 sobre D. Sebastião, descrita acima – a Ninfa que conversa com Bocarro respondeu-lhe que “Já rayos contra o mundo (ah grão Phelippe) / Mil vozes proclamando que o dissipe”¹⁰. Nas oitavas 82 a 89 estariam descritas algumas referências sobre o Encoberto, como: “E todo o globo Occidental, espera / Por seu dominador ao Luzitano, / Que restaure em seu seculo o de Iano”¹¹; “Helíaco descobrem nascimento / Do Varão no Occidente sem segundo [...] Será com mil grandezas descoberto”¹². Em outra parte do livro, Bocarro explica que um nascimento helíaco seria quando uma estrela ou planeta,

⁹ MAGALHÃES, 2004, p. 271.

¹⁰ ANAC, fl. 15f, oit. 60.

¹¹ ANAC, fl. 18v, oit. 82.

¹² ANAC, fl. 19f, oit. 83.

no momento do nascimento de alguém, estaria oculta pela luz do Sol, sendo descoberta somente depois¹³.

Outra referência trazida pelo autor é o fato de que o Encoberto “traz em seu nome o ferro”¹⁴. Desde as profecias creditadas a Santo Isidoro, que diziam que “El Encubierto tendra em su nombre letra de hierro”, a tradição sebastianista interpretou que o nome do rei Encoberto terá “letra de ferro”¹⁵. Bocarro conta que alguns autores viram no rei Fernando, o Católico, o cumprimento dessa profecia, mas que ele teria respondido que o nome com a letra de ferro seria de algum descendente seu. Bocarro então conclui: “O que confiamos em Deos que fará em nossos tempos seu descendente Phelippe”¹⁶.

Já no *Luz pequena, Lunar, E estelífera Da Monarchia Luzania*, Bocarro deu outra explicação para o significado da letra de ferro. O verdadeiro autor do vaticínio teria sido seu “terceiro avô, em tempo del Rey dom João 2, chamado Dom N. Rosales”¹⁷, e a partir dele se manifestaria o nome do Encoberto, usando os vocábulos hebraicos *barzel* (ferro) e *esh* (fogo) para designar quem revelaria o nome do rei oculto. Moreno-Carvalho demonstrou que as duas palavras juntas formam “em (no sentido de *por meio de*) Rosales”¹⁸, ou seja, o

¹³ ANAC, fl. 56v.

¹⁴ ANAC, fl. 57f.

¹⁵ MORENO-CARVALHO, 2011, p. 193.

¹⁶ ANAC, fl. 57f.

¹⁷ LP, p. 103.

¹⁸ MORENO-CARVALHO, 2011, p. 194.

sobrenome que Bocarro voltou a usar depois que saiu de Portugal. Dessa maneira, a experiência profética de N. Rosales, que na sua época atribuiu a d. Jaime de Bragança o papel de Encoberto, proporcionou, anos depois, que Bocarro prognosticasse: “eu que sou taõbem Rosales, o aplico ao nosso Encuberto, que sera da mesma geração; pois a dos Reis he taõbem daquella caza; e ha muitos annos que co fervor de meu ânimo apregoo a este Princepe”¹⁹.

Com o objetivo de esclarecer trechos do *Stado Astrologico*, o *Luz pequena* acabaria por revelar a identidade do Encoberto: “Será Português”²⁰, previu Bocarro. O nome do rei não teria sido referido ainda no livro, por isso o equívoco dos sebastianistas ao esperarem D. Sebastião como o Encoberto. Mesmo tendo “certeza” que o rei não morreria no Norte da África, Bocarro adverte que não se deve esperar por ele, pois “Rey temos nelle”, porém não em pessoa, mas no sangue de um português, seu herdeiro. Sobre o nome do tão aguardado rei, Bocarro revela que “Mil vezes estive pera o nomear; mas pareceo me temeridade”²¹, e que o descobriu no quarto anacefaleose “taõ claramente que pode apontarse com o dedo; se bem eu nunca o vi; mas sou como a Maõ do Relogio, que aponta as horas, e o sino as dá”. E conclui enfatizando a sua “qualidade” de escritor da história da monarquia portuguesa: “E contudo espero ainda vello e contar seus

¹⁹ LP, p. 104.

²⁰ LP, p. 102.

²¹ Ibidem.

feitos e grandezas; e restituir as choronicas daquele Reino; que tem necessidade de minha correção, deligencia, verdade”²².

Igualmente composta de oitavas, essa pequena obra saúda d. Teodósio, duque de Bragança e pai do futuro rei d. João IV, como o restaurador da monarquia portuguesa. A Ninfa Honra explica-lhe: “tu, como do Monarcha o mais parente,/ obrigação tens, Duque, de amparallo,/ E como proprio Atlante sustentallo”²³. Mais adiante, a Ninfa é explícita: “Defendea, Grão Theodosio, como tua,/ o grão templo te entrego, dedicando / a teu nome, e valor, quanto na sua / caza [...]”²⁴. Para demonstrar sua escolha pelo duque, a Ninfa lhe ofereceu um escudo feito pelo deus Vulcano, e com ele “[...] o pátrio estado podes restaurar, Duque Famoso”²⁵, pois “de teu sangue nos Lusos o Encoberto”²⁶. Entretanto, d. Teodósio não aceitou o escudo, pois a majestade seria uma ambição muito grande para ele. Junto a ele estava seu filho, d. João, com os cabelos envolvidos por uma chama que não queimava, um sinal de que “este restaurará do Reino a perda,/ levantando por si, novo estandarte,/ sendo maior que os Pais”²⁷ – podemos entender o “novo estandarte” como a nova dinastia que então assumiu a Coroa, a dinastia de Bragança, em 1640. Por fim, Bocarro

²² Ibidem.

²³ LP, p. 114, oit. 12.

²⁴ LP, p. 115, oit. 16.

²⁵ LP, p. 111, oit. 5.

²⁶ LP, p. 115, oit. 16.

²⁷ LP, p. 117, oit. 20.

retomou a ideia de ser o responsável por designar o Encoberto, publicando o que viu por ordem da Ninfa, terminando com os versos mais citados entre os autores que o estudam:

23

Eu o vi, Luzitanos, não me engano,
Já temos o Monarcha descoberto;
Alvíssaras me dai, do soberano;
Bem, que aqui vos descubro firme, e, certo:
Eis restaurado o Reino Luzitano.²⁸

Ou seja, a partir da oitava 20, até a 23, a última do *Luz pequena*, temos que o “novo” Encoberto para Bocarro seria d. João de Bragança – o que tornaria a profecia correta, pois realmente d. João assumiu o trono português. No *Luz pequena*, Bocarro comenta, antes das estrofes, que o “Rey Dom Sebastião não morreo na batalha de Africa, (pois temos disso demonstrativa certeza) contudo não esperamos por elle”²⁹. Bocarro seria o primeiro a escrever sobre um “sebastianismo sem D. Sebastião”, nas palavras de Moreno-Carvalho, ao deslocar o mito da figura histórica do rei desaparecido em Alcácer Quibir e o substituir primeiro por d. Teodósio de Bragança e depois pelo filho deste, conferindo “ao sebastianismo condição de sobreviver ao longo do tempo”³⁰.

²⁸ LP, p. 118, oit. 23.

²⁹ LP, p. 102.

³⁰ MORENO-CARVALHO, 2011, p. 164.

Para autores como Eduardo d'Oliveira França e Luís Filipe S. Lima, Bocarro seria um messianista brigantista. Popular e menos profundo que o sebastianismo, o messianismo brigantino estava presente nas classes dirigentes como uma solução prática e imediata. Esse messianismo desenvolveu-se através de algumas interpretações das *Trovas* de Bandarra, que previra a vinda de um príncipe que expiaria Portugal de seus males e daria início a uma era de glórias e grandezas: “Saia, saia esse infante / Bem andante, / O seu nome é D. Fuão”³¹. Para atender aos anseios dos partidários da Restauração, esse e outros trechos foram alterados – o nome D. João passou a ser escrito, em alusão ao duque João de Bragança, filho de d. Teodósio, pois este havia morrido em 1630. França caracteriza a crença brigantina como uma síntese do sebastianismo e dos escritos de Bandarra, usando do primeiro a ideia do Encoberto e do segundo a imagem de um infante redentor.

Em sua tese de doutorado, Lima, trabalhando com autores como Jacqueline Hermann e França, entende o messianismo brigantino como uma expectativa *sui generis* e não apenas uma variação genérica do sebastianismo. Para o autor, ele foi além, seja de um “oportunismo de uma nova dinastia que tenta se impor utilizando uma crença mais ampla, popular, reativa – o sebastianismo”³², seja como “fruto da

³¹ AZEVEDO, 1947, p. 49.

³² LIMA, 2005, p. 230.

sociedade barroca estruturada pela Contra-Reforma, que iria do final do século XVI até o terceiro quartel do XVII”³³.

Encontramos um prognóstico de Bocarro que poderia colaborar com essa tese messianista brigantista, um tema recorrente nos seus escritos, a morte de Filipe III de Portugal e a possível vacância na Coroa espanhola, visto que até o nascimento de seu filho Baltasar, em 1629, o rei tivera apenas filhas. No *Luz pequena* Bocarro explica que o herdeiro legítimo tanto do trono português como do espanhol seria um Bragança, com base em um acordo feito no reinado de D. Manuel. Realmente, em 1498 o duque Jaime de Bragança foi jurado herdeiro de Portugal, pois as Cortes temiam que o reino caísse em mãos estrangeiras, porque D. Manuel estava em seu terceiro ano de reinado e não tinha herdeiros. Porém, no mesmo ano nasceu o príncipe Miguel, que faleceu em 1500. Como sua mãe havia morrido no parto, o rei casou-se novamente, e seu primeiro filho tornar-se-ia o futuro rei D. João III. Dessa maneira, o messianismo de Bocarro teria um lado político, ao se basear em um fato da história portuguesa, a questão da sucessão dinástica.

³³ HERMANN apud LIMA, 2005, p. 239.

Conclusão

Escritos de modo intrincado e de difícil compreensão para escapar da censura castelhana, os versos de Manuel Bocarro presentes no *Anacephaleoses da Monarchia Lvzítana* (1624) pareciam revelar que o rei Encoberto seria Filipe III de Portugal. O verdadeiro Encoberto estaria então revelado no *Luz pequena, Lunar, E estelífera Da Monarchia Luzania* (1626). Com forte conteúdo messiânico, esse livro tinha o objetivo de explicar o significado de algumas estrofes do livro anterior, revelando, primeiramente, d. Teodósio de Bragança como o rei Encoberto restaurador da Coroa de Portugal. Através de profecias e observações astronômicas e astrológicas, Bocarro desejou que ele, ou até mesmo seu filho, o futuro rei D. João IV, libertasse o reino do domínio castelhano, o que aconteceu em 1640.

Referências

BOCARRO, Manuel. **Anacephaleoses da Monarchia Luzitana**: pello Doctor Manoel Bocarro Frances, Medico, Philosopho, & Mathematico Luzitano : dirigidos ao Senhor della el Rey N. Senhor. 1624. Em Lisboa : por Antonio Alvarez, 1624. - 58 f. ; 8° (15 cm). Disponível em: Biblioteca Nacional de Portugal. <<http://purl.pt/14093>>.

FRANCÊS, Manuel Bocarro. **Luz pequena lunar e estelífera da Monarquia Lusitana**: Explicassão do seu primeiro Anacephaleosis.

Impresso em Lisboa o anno passado, de 1624. Sobre o Principe encuberto, & Monarchia, alli prognosticada; Referente aos versos do 4. Anacephaleos, por que os C. impedirão, imprimirse; com os outros. Anno Christi MDCXXVI. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2006. 120 p. (Documentos da Ciência). Com prefácio de Galileu; introdução, notas e fixação do texto por Luís Miguel Carolino.

AZEVEDO, J. Lúcio de. **A evolução do sebastianismo**. 2. ed. corr. e simpl. Lisboa: Livraria Clássica, 1947. 181 p.

CAROLINO, Luís Miguel. **Ciência, Astrologia e Sociedade: A Teoria da Influência Celeste em Portugal (1593-1755)**. Porto (Portugal): Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 431 p.

FRANÇA, Eduardo d'Oliveira. **Portugal na Época da Restauração**. São Paulo: USP, 1951. 428 p.

HERMANN, Jacqueline. **No reino do Desejado: a construção do sebastianismo em Portugal nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 379 p.

LIMA, Luís Filipe Silvério. **O império dos sonhos: narrativas proféticas, sebastianismo & messianismo brigantino**. 2005. 348 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2005.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Poder e Sociedade no Reino de Portugal no Século XVI**: As Trovas de Bandarra. 2004. 331 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em História, Departamento de História, UFPR, Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004/Leandrorodriguesmagalhaes.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2014.

MORENO-CARVALHO, Francisco. **Jacob Rosales/Manoel Bocarro Francês**: judaísmo, sebastianismo, medicina e ciência na vida intelectual de um médico judeu português do século XVII. 2011. 323 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica, Departamento de Letras Orientais, USP, São Paulo, 2011.

SCHAUB, Jean-Frédéric. **Portugal na Monarquia Hispânica**: 1580-1640. Lisboa: Livros Horizonte, 2001. 112 p.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **O Tempo dos Filipes em Portugal e no Brasil**: 1580-1668. 2. ed. Lisboa: Edições Colibri, 2004. 343 p.

Recebido em 11/09/2015, aceito para publicação em 01/07/2016